

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM PETER BOGDANOVICH
14 e 16 de Março de 2022

THEY ALL LAUGHED / 1981

ROMANCE EM NOVA IORQUE

um filme de PETER BOGDANOVICH

Realização: Peter Bogdanovich *Argumento:* Peter Bogdanovich, Blaine Novak *Fotografia:* Robby Müller *Música Original:* Douglas Dilge, Edward Eliscu (*More than You Know*) *Montagem:* William C. Carruth, Scott Vickrey *Direcção Artística:* Kert Lundell *Cenografia:* Joe Bird *Guarda-Roupa:* Peggy Farrell *Interpretação:* Audrey Hepburn (Angela Niotes), Ben Gazzara (John Russo), Patti Hansen (Sam/Deborah Wilson), John Ritter (Charles Rutledge), Dorothy Stratten (Dolores Martin), Blaine Novak (Arthur Brodsky), Linda MacEwen (Amy Lester), George Morfogen (Leon Leondopolous), Colleen Camp (Christy Miller), Sean H. Ferrer (José), Glenn Scarpelli (Michael Niotes), Vassili Lambrinos (Stavros Niotes), Antonia Bogdanovich (Stefania Russo), Sashy Bogdanovich (Georgina Russo), Sheila Stodden (Barbara Jo), Lisa Dunsheath (Tulips), Joyce Hyser (Sylvia), Elizabeth Peña (Rita), Ricardo Berton (Martin), Shawn Casey (Laura), etc.

Produção: Moon Pictures, Time Life Films (Estados Unidos, 1981) *Produtores:* George Morfogen, Blaine Novak, Russell Schwartz *Cópia:* Cinemateca Portuguesa, 35mm, cor, legendada em português, 112 minutos *Estreia em Portugal* 17 de Dezembro de 1982, nos cinemas Apolo 70 e Satélite *Primeira exibição na Cinemateca:* 17 de Setembro de 2004 (“Uma Viagem a Nova Iorque”).

AVISO

A cópia que vamos exibir apresenta sinais de desgaste, tais como riscos no suporte e pequenos saltos indiciadores de colagens na passagem das bobinas.

Quando Peter Bogdanovich filmou Nova Iorque em *THEY ALL LAUGHED* escolheu iluminá-la como um cenário em tons vivos, brilhantes e filtrados, o cenário de um conto de encontros românticos. A fotografia é de Robby Müller, que tinha acompanhado o realizador no anterior *SAINT JACK* (1979) depois de este se ter sentido impressionado pelo seu trabalho na fotografia de *O AMIGO AMERICANO*, de Wenders (1977). Müller foi director de fotografia de Wenders em *PARIS TEXAS* e *ALL DI LÀ DELLE NUVOLE* e trabalhou regularmente com Jarmusch (de *DAWN BY LAW* a *COFFEE AND CIGARETTES*), por exemplo também. Em *SAINT JACK*, Müller utilizara a película de cor Fuji, conseguindo uma luz suave e difusa em que a evidência do grão produzia um efeito que se associava, na imagem, à profundidade de campo. Razões de produção fizeram recair a escolha da película na Eastman para a rodagem de *THEY ALL LAUGHED* e então – contou Bogdanovich na época –, o trabalho de Müller concentrou-se em obter, através de filtros, o mesmo tipo de efeito porque isso confere “uma espécie de acuidade, mantendo a doçura (...). Pensámos que seria fantástico para Manhattan e que nunca fora experimentado”.

É o que começa por surpreender na abertura do filme, uma claridade (mesmo nas cenas nocturnas) que se adapta às cenas de rua, à profundidade de campo, ao ambiente sonoro da cidade, rapidamente se cola às personagens e suavemente faz com que o mergulho em Nova Iorque seja dado a um ritmo que não tem a aceleração nem a rugosidade que marcaram, por exemplo, os filmes nova iorquinos dos anos 1970. Alguma coisa dessa luz flui para “o outro” filme de Nova Iorque de Bogdanovich muitos anos depois, *SHE’S FUNNY THAT WAY* (2014, com fotografia – dourada – de Yaron Orbach), a sua última ficção. O impulsor narrativo de *THEY ALL LAUGHED* é a perseguição, sendo que esse impulsor da acção rapidamente se deixa perceber como pretexto funcional de um prazer mais diletante, o da deambulação: três detectives privados de uma agência chamada Odisseia vigiam duas mulheres, por cujos maridos foram contratados, mas pelas quais dois deles se apaixonam, fazendo com que a vigilância policial se transforme em trilhos de andanças amorosas. Neste jogo de “gato” e “rato” pelas ruas de Nova Iorque, destaca-se a formação de dois pares – Ben Gazzara e Audrey Hepburn, o casal de amantes de meia-idade (como o formado pelas personagens secundárias de George Morfogen e Linda MacEwan, o detective chefe e a secretária); John Ritter e Dorothy Stratten, o jovem

casal (à semelhança do par das personagens de Coleen Camp e Sean Ferrer, a cantora country e o rapaz estrangeiro). A “distribuir o jogo”, chame-se assim à função de ligação dos movimentos emparelhados das personagens, para manter a metáfora lúdica, estão as personagens de Blaine Novak, o detective hippy, e de Patty Hansen, a extraordinária motorista de táxi que Gazzara baptiza de “Sam”.

Não, não há-de ser coincidência, a testemunha privilegiada do encontro de Gazzara e Hepburn responder pelo mesmo nome da testemunha privilegiada da história de Bogart e Bergman nos anos 40. A cinefilia hollywoodiana, em que Bogdanovich se formou convictamente, nunca deixou de espreitar os seus filmes. Foi por ela que começou, é ela que explicitamente convocou em filmes como *THE LAST PICTURE SHOW* (1971), *NICKELODEON* (1976) ou os mais recentes *THE CAT’S MEOW* (2001) e “o lubitschiano” *SHE’S FUNNY THAT WAY*. E mesmo num filme recebido como “o primeiro 100% Bogadanovich” (assim lhe chamaram, em França, os *Cahiers du cinéma*, contrariando uma tendência generalizada de menorização perante este filme), as marcas da cinefilia fazem sentir-se. Aliás, fazer Audrey Hepburn aterrar em Nova Iorque para protagonizar uma história romântica duas décadas depois de *BREAKFAST AT TIFFANY’S*, não pode deixar de reenviar para o filme de Edwards. Como este romântico, como este seguindo ligeiramente as personagens, como este com um golpe de tragédia iminente. Se em *BREAKFAST AT TIFFANY’S* a dimensão romântica “abafa” a crueza amarga do conto original de Truman Capote que o argumento adapta, em *THEY ALL LAUGHED*, inocência (narrativa e cinematográfica) perdida, o travo amargo atravessa o filme e a amargura está lá para quem não se deixar iludir com a ligeireza aparente com que a história é contada. É uma marca constante dos filmes de Bogdanovich, a da inocência irrecuperavelmente perdida, a das perdas vividas com o jogo de cintura suficiente para lhes deixar sobreviver um sentimento de melancolia profunda. *THEY ALL LAUGHED* “resolve-se” numa confiante sequência, que reúne as personagens, ao som da música country. Mas será? Basta esperar pelas últimas cenas de Hepburn, esperar pela descolagem do helicóptero que a trouxe no princípio e percebe-se a dimensão de miragem deste filme. Uma promessa fugaz e fugidia, que se perde no momento do encontro.

É óbvio que é a tradição da comédia romântica que Bogdanovich retoma em *THEY ALL LAUGHED* (de novo a fazer rima retrospectiva com o tom *screwball* de *SHE’S FUNNY THAT WAY*). É óbvia a forma amorosa como a câmara capta os movimentos de Audrey Hepburn, silhueta esguia e andarilha, antes de se deter no seu rosto, pouco percebido pela distância da câmara e os grandes óculos escuros de aros pretos até que Ben Gazzara a aborda directamente na rua. A câmara parece, de resto, estar tão presa a Hepburn (embora ela permaneça fora de campo nas primeiras duas bobines do filme, ou por aí, é nela que a acção se centra no que terá sido o último grande papel da actriz no cinema) como a personagem de John Ritter deslumbrada perante Dorothy Stratten.

Num golpe cruel do destino, a vida real intrometeu-se na história deste filme. Dorothy Stratten, de quem este é o único filme, era a estrela recentemente descoberta por Bogdanovich, que, no termo da rodagem, estava envolvido amorosamente com ela. A ex “Playmate of the Year” da *Playboy* foi brutalmente assassinada pelo marido (que em seguida se suicidou) antes da estreia de *THEY ALL LAUGHED*. Bogdanovich, que se dedicou a escrever a biografia de Stratten nos anos seguintes, sofreu um rude golpe, mas foi ele quem distribuiu o filme a expensas próprias quando a 20th Century Fox se mostrou reticente em fazê-lo, sofrendo, por sua vez, um assinalável golpe financeiro porque o esperado sucesso redundou em desastre de bilheteira. O que, se foi significativo no que diz respeito à carreira de Bogdanovich, diz muito pouco que reporte directamente ao filme. Trata-se, no entanto, de um reparo que, mesmo em rodapé, não deixa de provocar calafrios. Para voltar a ele numa última frase, acrescentemos então, como certamente alguém reparou, que em *THEY ALL LAUGHED* o espectador de Hawks encontrou Renoir.